

# ESPAÇO PARA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DOS SUJEITOS/BLOGUEIROS/EDUCADORES<sup>1</sup>

Candice Campos Habeyche \*

## Resumo

Pretendemos aqui analisar, a partir das obras de Morin, os sujeitos/blogueiros, especificamente os educadores, que criam blogs<sup>2</sup> com o intuito de expor seu perfil profissional. Porém ao propormos este estudo observamos que a blogosfera está reproduzindo um vasto conteúdo, o que provoca que estes blogueiros com laços sociais fracos, não tenham voz, e por isso, tenham pouco acesso e poucos diálogos via blog. Tal situação gera o que chamamos de *hiper reprodução*<sup>3</sup> de informação que muitas vezes não é difundida. Para este estudo iremos aprofundar conceitos de sujeito e autonomia para Morin e democracia para Lévy.

## Palavras-chave

Sujeito; Blogs educacionais; Autonomia.

A compreensão da comunicação via blogs como complexa é pano de fundo deste estudo. Entendemos a ferramenta como um espaço de diálogo, onde os sujeitos têm papéis representativos na sociedade digital. Estes sujeitos estão abertos ao desenvolvimento do conhecimento, marcado pela aceleração das novas tecnologias, que utilizamos aqui como meio para explicar o cotidiano do comportamento sócio-cultural da sociedade contemporânea.

No artigo em questão, faremos o cruzamento com os autores que nos sentimos mais à vontade: Lévy (1994) que discute democracia e laços sociais, e Morin (2005) que define conceitos de sujeitos, autonomia e compreensão. Porém, como acionamos outras possibilidades de resolução desta *hiper reprodução*, apresentamos a visão sobre controle para Foucault (1987).

## O DIÁLOGO ENTRE OS BLOGS E OS SUJEITOS

Os blogs são ferramentas de publicação, que se utilizam da forma cronológica de postagem de informações inerentes ao tema

## Abstract

We intend here to analyze, from the works of Morin, the subjects / bloggers, especially educators, who create blogs with the intention of showing their professional profile. But in proposing this study we observed that the blogosphere is playing a large content, which causes these bloggers with weak social ties, have no voice, and therefore have little access and few conversations via blog. This situation creates what we call *hyper reproduction* of information that often is not widespread. For this study we will develop concepts of autonomy and subject to Morin and democracy for Lévy.

## Keywords

Subject; Educational blogs; Autonomy.

que se propõem discutir. O fenômeno surgiu em 1997, e tomou grandes proporções por sua facilidade de produção, visto que na internet alguns sites auxiliam na criação dos blogs, com *templates* prontos, facilitando a produção técnica. Assim, pode-se criar sites pessoais de forma intuitiva, proporcionada pela colaboração e gratuidade do serviço disponível em sites como: *blogger e word-press*<sup>4</sup>. Amaral, Recuero e Montardo (2009) definem os blogs a partir de três vertentes: *Estrutural* por seu formato comum a todos os geradores de blogs, semelhante a um website; *Funcional*, como sendo os blogs que apresentam uma “[...] função primária como meio de comunicação.” (p. 30); e os blogs como *Artefatos Culturais*, resultados de “um olhar antropológico e etnográfico, [que] ‘representa a oportunidade de uma aproximação do contexto sócio-histórico de apropriação dos artefatos tecnológicos a partir do olhar subjetivo dos próprios atores que interatuam com as TICs’” (Espinosa, 2007, p. 272 apud Amaral, Recuero e Montardo, 2009, p. 31). Desta forma:

---

A percepção dos blogs como espaços de sociabilidade, como constituintes de redes sociais, está presente nessa vertente. Blogs como meios de comunicação implicam também sua visibilidade enquanto meios de práticas jornalísticas, seja através de relatos opinativos, seja através de relatos informativos. No conceito estrutural, por outro lado, permite apreender-se o blog enquanto formato, abrindo-se para múltiplos usos e apropriações. (Amaral, Recuero e Montardo, 2009, p. 33-34)

Portanto, em nosso trabalho, estudaremos os blogs como artefatos históricos, que são desenvolvidos a partir de um sujeito ou de forma coletiva, apresentando assim o blog como “[...] uma mistura em proporções únicas de links, comentários ensaios e pensamentos pessoais.” (Blood, 2000 apud Amaral, Recuero e Montardo, 2009), que agregarão aos educandos formas de diálogo, aproximando sujeitos próximos fisicamente ou mesmo distantes, traçando assim a possibilidade de um saber aberto e disponível a todos.

Preocupa-nos, neste trabalho, compreender estes sujeitos, por isso na análise apresentamos resultados da primeira observação feita nos 50 blogs disponíveis no Portal do Professor do Ministério da Educação<sup>5</sup>. Para entender melhor de que sujeito falamos, buscamos explicações na teoria de Edgar Morin. Para ele “Ser sujeito supõe um indivíduo, mas a noção de indivíduo só ganha sentido ao comportar a noção do sujeito.” (Morin, 2005c, p. 74). Quando nascemos somos apenas um indivíduo, ao recebermos o nome de nossos pais logo nos tornamos um sujeito, e começamos a criar uma identidade com o meio, como logo afirma o autor:

A definição primeira do ser deve ser biológica. Trata-se de uma lógica de auto-afirmação do indivíduo vivo, pela preocupação do centro do seu mundo, o que corresponde literalmente à noção de egocentrismo. Ser sujeito implica situar-se no centro do mundo

para conhecer e agir. (Morin, 2005c, pp. 74-75)

A partir de sua relação consigo mesmo, e de um autoconhecimento, o sujeito central passa por experiências próprias, o que faz com que comporte em sua vida os princípios de inclusão e exclusão: “[...] permite nos incluirmos numa comunidade, um Nós (casal, família, partido e Igreja) e incluir esse Nós no centro do mundo.” (Morin, 2005c, p. 75-76) e nos excluirmos, pois somos únicos e sós. Porém não conseguiríamos viver isoladamente, pois somos seres sociais, vivemos da relação com o outro, fazemos parte da trindade humana: indivíduo/sociedade/espécie, vivemos, assim, em diálogo uns com os outros. Para nós, este outro é nosso semelhante e dessemelhante, como afirma Morin:

Semelhante pelos traços humanos e culturais comuns; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas. O outro comporta, efetivamente, a estranheza e a similitude. A qualidade de sujeito permite-nos percebê-lo na semelhança e dessemelhança. O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático. O sujeito é por natureza fechado e aberto (Morin, 2005c, p. 77).

Entender essa relação com o outro, e a necessidade que flui naturalmente, e ainda perceber que destas relações emergem o saber é essencial para o entendimento da complexidade do *homo sapiens*. As interações com outros sujeitos representam formas de auto-organização e, portanto de mediações: “Segundo a teoria da especularidade de Jean-louis Vullierme, ‘os sujeitos se auto-organizam em interação com outros sujeitos’. Assim, ‘o sujeito estrutura-se pela mediação dos outros sujeitos antes mesmo de conhecê-los de fato’.” (Morin, 2005c, p. 77-78)

Ao conhecer o outro, o sujeito con-

---

hece a si mesmo, como propõe o princípio de retroalimentação, “A relação com o outro inscreve-se virtualmente na relação consigo mesmo” (Morin, 2005c, p. 78). Busca-se com isso a compreensão e o reconhecimento no outro como sujeito e com este entendimento nos auto-afirmamos como seres. Mesmo que a compreensão não seja clara, pois, existe “[...] com frequência, na relação intersubjetiva uma compreensão imediata, quase intuitiva, baseando-se em indícios invisíveis à consciência; com a simpatia ocorre uma ressonância psíquica.” (Morin, 2005c, p. 78) é a partir dela que entendemos o outro e assim a nós mesmos.

Ao perceber o nascimento deste ser complexo e sua atitude social, é possível retomar a compreensão de que com a comunicação, assim como, com outros traços próprios do ser, estão em diálogo com o “objeto-máquina” (Morin), retratado pela cibernética, e que trabalhamos neste artigo, afinal, é o meio pelo qual ocorre a interação. Neste momento retomamos a reflexão do autor que no livro *Introdução ao Pensamento Complexo* (1991) diferenciou sujeito de objeto, pois a partir da emergência das novas tecnologias, a reflexão sobre a máquina e o ser humano se tornou latente na Academia. Morin retrata um ser autônomo, individual, ambíguo, mas que para si não seria causa desta pós-modernidade.

Este sujeito traz em si a raiz da subjetividade. Como o sujeito é a parte e o mundo é o todo, o mundo reconhece este sujeito, e é influenciado por seu pensamento auto-organizador. Este sujeito “reina”, segundo o humanismo, num mundo de objetos. Porém no encontro entre sujeito e objeto, um anula o outro, torna-se “ruído” do outro. Na interdependência de sujeito e objeto se um anula o outro, por conseguinte também irá se anular.

A parte da realidade escondida pelo objeto reenvia para o sujeito, à parte da realidade escondida pelo sujeito reenvia para o objeto. Mais ainda: só existe objeto em relação ao

sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há sujeito em relação a um meio objetivo (que lhe permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se, etc., mas também existir) (Morin, 1991, p. 50).

Desassociados o objeto e o sujeito são conceitos insuficientes (Morin, 1991), um pode ser espelho do outro, mas se o objeto é manipulado pela técnica, e ao pensarmos na valorização do sujeito, estaríamos nos enganando, se um é interdependente do outro, ou são tudo ou são nada juntos. Por isso “Sujeito e objeto neste processo são constitutivos um do outro. Mas isso não conduz a uma visão unificadora e harmoniosa. Não podemos escapar a um princípio de incerteza generalizada” (Morin, 1991, p. 53). Para escapar desta possibilidade conflituosa, tecemos a seguir o que dará profusão a maiores discussões, visto que o ser complexo é autônomo e dependente.

Pensemos estes sujeitos/blogueiros autônomos que, por poderem criar seus blogs, estão de certa forma dependentes deles pelo fato destes objetos necessitarem de atualização constante. A “[...] autonomia que depende de seu meio ambiente, seja ele biológico, cultural ou social. Assim, um ser vivo [...] depende de energia, e deve, obviamente, abastecer-se de energia em seu meio, do qual depende.” (Morin, 2008, p.118) Portanto o sujeito se define como autônomo, porém com isso se torna egocêntrico, por “posicionar-se no centro de seu mundo” (Morin, 2008, p.120) comportando o princípio de identidade, ou seja, de distinção, diferenciação e reunificação, em suas atitudes, o que faz com que a criação de seu “perfil”, com a criação de um blog e a experimentação da ferramenta seja uma forma de expressão. A “independência de um ser vivo requer sua dependência com relação a seu ambiente.” (Morin, 2005a, p. 253), ou ao ambiente que se propõe participar, no caso a blogosfera.

Para Morin existem dois tipos de

autonomia: a autonomia do indivíduo, e a autonomia do ser individual. A primeira “[...] se firma no plano da existência, da organização, da ação. Esta autonomia auto-produz-se, alimentando-se – por captação, transformação, assimilação – de matéria/energia e de informações [...]” (Morin, 2005b, p.126). Ela se desenvolve sob a forma de comportamentos, aqui e agora no ambiente o qual se estabelece. Já a segunda “gera e regenera os indivíduos”, é constituída a partir dos genes destes sujeitos, autoafirmando sua identidade. Este sujeito se posiciona e se apresenta, pois isto “[...] implica situar-se no centro do mundo para conhecer e agir.” (Morin, 2005c, p.75), se reconhecer com tal. Para Morin: “O sujeito é egocêntrico, mas o egocentrismo não conduz somente ao egoísmo.” (2005c, pp. 75-76). Como comentamos anteriormente o sujeito se inclui e se exclui das relações sociais.

Estes sujeitos, portanto, ao criarem seus blogs, se incluem na atmosfera tecnológica, pois como apresentaremos, a maioria dos educadores pesquisa sobre tecnologias educacionais, e por isso tem a necessidade de conhecer e serem reconhecidos neste espaço. Morin afirma que “O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático. O sujeito é por natureza fechado e aberto.” (Morin, 2005c, p.77) Sendo assim:

O sujeito pode, eventualmente, dispor de liberdade e exercer liberdades. Mas existe toda uma parte o sujeito que não é apenas dependente, mas submissa. E, de resto, não sabemos realmente se somos livres.

Então, há um primeiro princípio de incerteza, que seria o seguinte: eu falo, mas, quando falo, quem fala?(Morin, 2008, p.126)

A autonomia que estes sujeitos dispõem e o exercício da liberdade que estes praticam na internet podem estar gerando blogs sem conteúdo e que ocupam espaços recheados de futilidades ou até mesmo sem

as práticas cotidianas – devido a não atualização necessária. Portanto vemos alguns contrapontos a respeito desta democracia que iremos abordar a seguir.

### **TEM DEMOCRACIA? E TEM CONTROLE?**

O Estado democrático em que vivemos é regido por leis que controlam e vigiam nossas atitudes, desta forma podemos expressar nossas idéias, mas sabemos que os limites são necessários para que haja um certo controle social. Partimos da proposta da análise como um todo, e objetivaremos na aplicação do nosso objeto de estudo, o qual vamos sugerir normas e diretrizes para que possa ser moldado a instituição (MEC) a que esta vinculada, isto porque

À medida que o aparelho de produção se torna mais importante e mais complexo, à medida que aumenta o número de operários e a divisão do trabalho, as tarefas de controle se fazem mais necessárias e mais difíceis. Vigiar torna-se então uma função definida, mas deve fazer parte integrante do processo de produção; deve multiplicá-lo em todo o seu comprimento. (Foucault, 1987, p. 146)

A partir desta citação de Foucault, e sabendo que o crescimento da blogosfera esta tomando tais proporções, acreditamos que neste momento deva-se ter um filtro, um controle dos produtores, e até mesmo de tempo de atualização, sendo que o próprio serviço facilitador de produção de blogs gratuitos que auxilia na criação possa retirar da internet alguns blogs, quando depois de um determinado tempo disponível não estiver sido atualizado e tenha se tornado obsoleto por inúmeros fatores.

Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à função da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de



---

técnicas para sujeitá-los e processos para utilizá-los. (Foucault, 1987, p. 144)

A questão que permeia o trabalho é, se existe um controle na democracia, porque não pode ser efetuado no ciberespaço? Neste processo técnico? Visto que encontramos a vigilância atuante fora da rede, exatamente para que não existam exageros e os excluídos se comportem socialmente. Foucault sugere uma alternativa, em

[...] uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los (1987, p. 144).

Não sabemos ao certo como seria a repercussão e como isto poderia ser visto por um blogueiro, porém a crítica aqui é sobre a *hiper reprodução*, cujo descontrole leva os sujeitos a não dialogarem, não se reconhecerem, não se encontrarem, tornando assim os laços fortes (Granovetter, 1973) cada vez mais fracos, fazendo com que pessoas próximas se distanciem pelo ritmo de suas vidas offline serem frenéticas, impossibilitando a visita a estes sítios localizados na web.

Para Lévy, a mensagem gira em torno da “[...] produção do laço social, o ‘relacional’” (Lévy, 1994, p. 41). Para ele a produção destes laços sociais “[...] é a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (Lévy, 1994, p. 32). Trouxemos a referência dos laços sociais fortes e fracos no parágrafo anterior, que pode ser explicado por Primo:

Um autor referencial nesse debate é Granovetter (1973) e sua proposição de laços fracos e fortes. Ao estudar como as pessoas se informam sobre oportunidades de emprego, o autor observou que havia uma probabilidade maior de obter-se indicações de conhecidos (com quem se

mantém laços fracos) do que com familiares e amigos próximos (laços fortes) (2007, p. 3).

Portanto, a cibercultura se apropria destes conceitos para explicar as relações sociais existentes entre as pessoas, no nosso caso entre os blogueiros, enquanto os mais antigos já criaram laços fortes, os mais novos, que não se apoderaram da ferramenta e, portanto, não a utilizam com frequência, criam laços sociais fracos, e com isso se desinteressam por seus próprios blogs.

O espaço democrático disponibilizado na internet é facilitado pelos sites que podem auxiliar na produção de blogs, pois “O sistema vem ganhando crescente popularidade, graças à facilidade de publicação, uma vez que proporciona que qualquer um, mesmo sem conhecer a linguagem HTML, possa publicar um blog” (Primo e Recuero, 2003, p.55), o que auxilia na criação dos blogs e perfis dos sujeitos/blogueiros, gerando um excesso de informação inacessível. Para Lévy:

Toda vez que é produzido um novo programa, acentua-se o caráter coletivo da inteligência. Com efeito, se o fornecimento de informação aumenta apenas o estoque comum (ou enriquece sua estruturação), o programa, propriamente, representa um acréscimo aos módulos operatórios compartilhados. A programação cooperativa do software no ciberespaço ilustra de maneira evidente a autopoiese (ou produção de si) da inteligência coletiva, especialmente quando o programa visa ele próprio a melhorar a infraestrutura de comunicação digital (1996, p. 116).

O que não é observado aqui, é que esta reprodução e o desenvolvimento de informação podem ser acessíveis para alguns, para muitos, e, muitas vezes, por ninguém. A crítica à inteligência coletiva e à democracia proposta por Lévy não param por aí, visto que o compartilhamento de nossas competências e conhecimentos nunca será

---

1% do total que temos, doamos parte e não o todo. Lévy inclusive enxerga na proposta de inteligência coletiva problemas, quando em sua obra: O que é o virtual? Propõe esta discussão em um dos capítulos. Quando se questiona se é possível dar um bom uso para esta produção? E como multiplicar ao invés de anular uns aos outros? (Lévy, 1996).

Lévy acredita na tendência positiva da evolução, num projeto de civilização centrado nos coletivos inteligentes onde acontecerá, entre tantos fatores, uma democracia mais direta e mais participativa. Quando escrita sua obra ainda não existiam os blogs, e nem muitas das redes sociais encontradas hoje, o que acreditamos que estejam mais ao encontro com a projeção do teórico, porém, esta abertura pode ter saído de controle, e o poder foi deixado de lado, como reflete o autor: “Um dos melhores sinais da proximidade entre esse mundo da cultura e os coletivos inteligentes é seu compromisso (de princípio) de colocar o poder entre parênteses.” (Lévy, 1996, p. 120) Esta alternativa não deixaria o respeito e a disciplina distantes da possibilidade de conhecimento, que é o intuito maior da inteligência coletiva? Segundo Lévy com “[...] o aprendizado recíproco como mediação das relações entre os homens. As identidades tornam-se identidades de saber.” (Lévy, 1994, p. 27)

Nossa discussão sobre poder está imbricada no que sugerimos discutir aqui: a democracia. Na qual refletimos sobre o poder de voz. Se todos podem falar, o que concordamos, seria necessária a organização destas falas. No ciberespaço “enxergamos” todos falando juntos, ao mesmo tempo e ninguém escuta. Este respeito mútuo, o lugar de se estar, o querer se mostrar é que questionamos. A proliferação de blogs sem a responsabilidade de alimentá-los, a facilidade de criação também deve ser regida por normas, que no ciberespaço são pouco empregadas, a não ser no vínculo com corporações, quando se defende uma ideologia

e seguem-se valores institucionais. No caso do nosso estudo sugerimos uma vigilância do próprio portal, que em nosso primeiro contato respondeu dizendo que:

Apenas colocamos os links dos blogs no Portal. Esses links foram inseridos de diversas formas: indicados por professores usuários do Portal, indicados pelas equipes de desenvolvem capacitação e citam esses endereços em seus materiais ou localizados pela nossa equipe. Não há contato com os autores, apenas identificamos que neles há informações preciosas para os professores e linkamos. Não há controle de data de publicação dos blogs, pois vão sendo inseridos na medida que são localizados (Portal do Professor, 2009b).

Seria, portanto uma proposta de normatização, como um sistema de monitoramento e vigilância, para que não atingisse a imagem da empresa de forma desavisada, já que, ao abrir para inúmeros acessos e relações dialógicas, possibilita também o uso de seu nome, comprometendo sua reputação.

Para auxiliar na discussão trazemos o conceito sobre democracia para Lévy. Para ele existem duas democracias: a representativa “[...] considerada uma solução técnica a dificuldades de coordenação [...]” (1994, p. 64) e a direta em tempo real, que permite a todos a colaboração no ciberespaço. Para ele a primeira é uma democracia quantitativa, como existe hoje nas eleições, na escolha de alguém que possa coordenar, e a segunda é qualitativa, onde cada um pode contribuir com suas vivências, podendo adotar posições independentes mesmo que concordem sobre determinado tema. Assim “[...] cada um teria uma identidade e um papel político absolutamente singulares e diferentes dos de outros cidadãos [...]” (Lévy, 1994, p. 65 ). Em sua obra *A inteligência coletiva*, Lévy diz que: “O desenvolvimento do ciberespaço nos fornece a ocasião para experimentar modos de organização e de regulação coletivos exaltando a multipli-

---

cidade e variedade” (1994, p. 66). E que a democracia direta a qual acredita ser a ideal para a internet maximizaria “a responsabilidade de um cidadão chamado alternadamente a tomar decisões, a sofrer suas consequências e julgar suas correções” (Lévy, 1994, p. 71).

Estes sujeitos estariam preparados para isto? Querem ter este poder de fala? De ordem na internet? O próprio Lévy deixa claro que para isso precisamos de pessoas dispostas, pois “Para aprender, pensar, inovar e decidir em comum, é preciso tempo. Para formar juízos em comum, para ajustar e elaborar linguagens, para formar comunidade, também é preciso tempo” (Lévy, 1994, p.74). Estes sujeitos que abandonam seus blogs ou mesmo tem problemas em atualizá-los podem estar deixando este espaço de informação abandonado, por simplesmente parecer-lhes um espaço de lazer e liberdade de opinião, e hoje em dia sabemos o quanto esta cada vez mais difícil conseguir este tempo para reflexão. Portanto a construção deste pensamento foi dado pois

A conjunção desses traços esparsos permitenos constituir uma idéia multidimensional e rica de indivíduo. Essa idéia comporta, por um lado, a dimensão de singularidade/originalidade, por outro lado, a dimensão da eventualidade/acontecimento; enfim a dimensão de autonomia (relativa), de organização, de ser e de existência (Morin, 2005b, p. 168)

Convidamos agora à reflexão do ser e da existência, ou seja, a representação destes sujeitos no objeto de estudo analisado, a partir dos dados obtidos, numa primeira coleta. Para refletirmos se é possível controlar a hiper reprodução destes blogs a partir do que encontramos.

#### **SER NA BLOGOSFERA É REPRESENTAR: ANÁLISE DOS DADOS**

Após o estudo das teorias, buscamos aqui especificar os sujeitos/blogueiros/

educadores, que criam blogs com o intuito de exporem seus perfis profissionais, o que gera uma *hiper reprodução* de informação. Observamos que muitos blogs não chegam a ser conhecidos ou ao menos reconhecidos. Isto tudo porque deliberadamente estão sendo dadas facilidades a estes blogueiros de criarem este espaço de fala. Assim não ocorrem diálogos entre eles, e seus papéis como representantes, com poder de fala, se perdem no ciberespaço, mesmo que se apresentem dispostos ao desenvolvimento do conhecimento. Mas o problema não está somente nos poucos comentários, está, também, e assim acreditamos relacionado, à desatualização do conteúdo apresentado por estes sujeitos.

A partir disto percebemos dois tipos de sujeitos na blogosfera: o que criou um blog quando o fenômeno iniciou, ou seja, no final do século XX, início do século XXI, e com isso criou uma rede de contatos (*blogroll*) e de interessados, alguns destes blogueiros são também pesquisadores sobre o tema, o que também os torna populares no meio. O segundo tipo de blogueiro é o sujeito que criou seu blog um pouco depois desta época, quando repercutiu o tema, o que podemos ver ainda nos dias de hoje. Estas pessoas não se apropriaram tanto da ferramenta como os primeiros, e não postam com tanta assiduidade, e, ainda, têm dificuldades de criar laços sociais fortes com outros blogueiros, visto que há pouca dedicação ao espaço, com raras exceções, quando a ferramenta se torna instrumento profissional, como ocorre com alguns jornalistas. Este segundo tipo de sujeito desmembra dois modelos: o que consegue atualizar e tenta ser constante na internet, tentando “sobreviver” e outro sujeito que depois de ter criado seu “perfil no blog” abandona e não retorna mais, tornando-se um blog obsoleto, uma espécie de lixo eletrônico que não é descartado. No quadro a seguir, apresentamos entre os 50 blogs estudados as categorias de dois grupos que separamos, e se destacam,

em azul estão os grupos dos blogueiros que mantém assiduidade OS SUJEITOS, já no segundo grupo são os blogueiros que não postam informações há mais de seis meses, OS BLOGS NO LIMBO. No quadro abaixo esta relacionada à data de criação destes blogs (Figura 1):

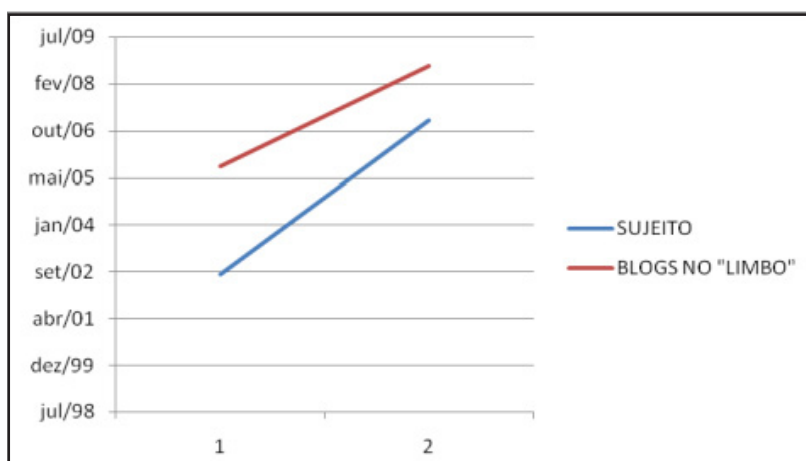


Figura 1- Quadro com as datas de criação dos blogs estudados por categoria

O blogueiro que tenta atualizar constantemente pode ser vítima da pouca frequência de comentários dos usuários, movidos por inúmeras questões, sejam elas falta de propagação, possibilitada no diálogo com outros blogueiros: o blog pode disponibilizar uma lista de blogs que acessa, representando assim referências e contatos na blogosfera, que darão legitimidade, e mostrarão que está aberto ao diálogo com outros sujeitos/blogueiros ou organizações/blogueiras, este espaço é conhecido como *blogroll*.

Recomendações de links para usuários, também são fundamentais para que o blog tenha acesso, assim ele se tornará objeto de referência, como fazemos com portais, selecionando como “favorito” entre os sites que visitamos.

Outro fator importante para que exista uma organização da informação é que existam categorias – *tags* -, relacionadas à notícia ou informação postada, pois o usuário poderá ter acesso a outras informações relacionadas ao tema que deu início a sua navegação no blog. Estes fatores irão

estabelecer entre o usuário e o blogueiro uma relação que poderá permanecer, ainda mais se ambos se comportarem como construtores de conhecimento e assim, fará com que este sujeito deixado de lado, possa tomar proporção como os “antigos” blogueiros, precursores na blogosfera, muito acessados,

detentores de reputação e com laços sociais fortes.

Em nosso estudo no Portal do Professor do Ministério da Educação observamos nos 50 blogs disponíveis e apresentamos uma primeira figura que representa o nosso estudo. Apresentamos assim, no segundo quadro, a síntese gráfica como os blogs estudados categorizados (Figura 2).

Os blogs que estão mais perto do centro do núcleo, em amarelo, seriam os sujeitos que articulam um ou mais blogs deste agrupamento de blogs educacionais eleito pelo Portal do Professor. Sugerimos estes sujeitos por atualizarem constantemente seus blogs, terem usuários-seguidores, assim poder de fala entre eles, e ainda estarem na blogosfera há pelo menos dois anos. As divisões de blogs sobre: educação; meio ambiente; software livre; organizacional e outros estão ao redor deste núcleo, e dentro da célula, pois existe também esta preocupação em se manter atualizado e ter um grupo de usuários-seguidores, não como a dos sujeitos, mas que se mantém atuante na rede. Estas categorias foram criadas para



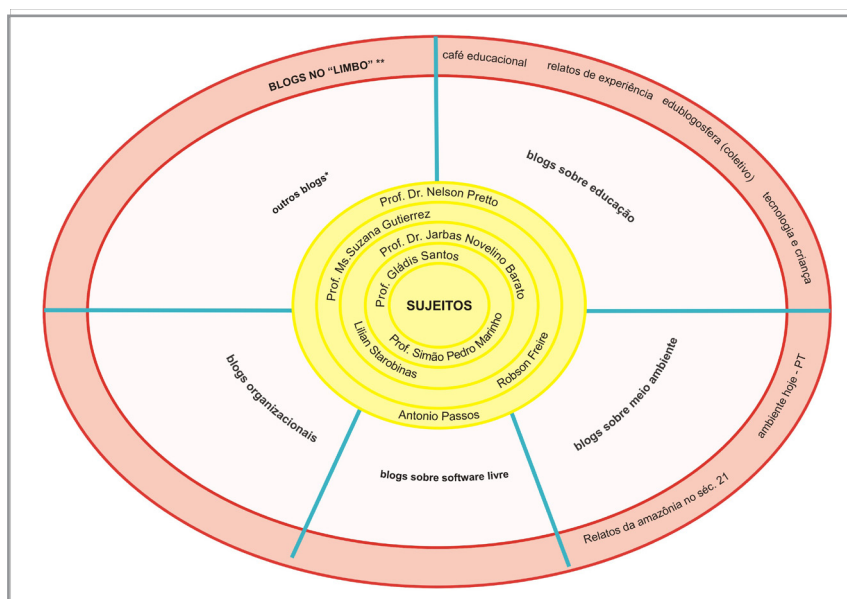


Figura 2- Núcleo. Quadro com as categorias criadas para a compreensão e organização dos blogs educacionais do Portal do Professor do Ministério da Educação (MEC).

este estudo. Existem estudos como o de Primo (2008) que propõe gêneros de blog. Já os blogs na membrana da célula, que chamamos de blogs no “limbo”<sup>6</sup>, simbolizam os blogs que propomos estudar aqui, os desatualizados há mais de seis meses, e sem comentários. Entre eles destacam-se seis: *Café educacional*, *Relatos de experiência*, *Edublogosfera* (que é um blog coletivo, ou seja, produzido por vários educadores), *Tecnologia e criança*, *Relatos da Amazônia no séc. 21* e um blog português chamado *Ambiente hoje*. Todos estes estão disponibilizados no Portal do Professor.

Sabemos que mesmo colocando eles num “limbo”, num local onde eles deixam de ser frutíferos, não quer dizer que seja um estado imutável, pois eles podem sim reavivarem ou se atualizarem com o objetivo de saírem da posição de inércia. Como afirmado por Maffesoli: “[...] todo objeto ou fenômeno está ligado a outros e é por eles determinado. Em consequência, fica exposto à mudança e ao acaso ou, em síntese, à instabilidade geral das coisas; significa dizer que o que é não necessariamente sempre foi e não necessariamente sempre o será” (2003, p. 37).

Ocorre destes educadores como sujeitos criarem blogs para si mesmo (autopoi-ese) (Maturana, 1980), para se apresentarem como conhecedores das novas tecnologias, visto que estão de alguma forma, relacionados no dia-a-dia com esta prática, e a partir daí se apropriam das novas formas de aplicar o ensino, como um extensor do espaço privado da sala de aula para o espaço público digital. Porém, a crítica que trazemos neste trabalho é que eles terminam por não se utilizarem de todas as possibilidades oferecidas por esta ferramenta. Apresentando assim um uso inapropriado, representando apenas um lugar para se estar, e não incorporam o uso do blog. Em diversas situações podemos notar isto como no uso, ou no desuso de lista de blogs (*blogrolls*) que acessam que representaria suas referências e contatos na blogosfera, o que daria legitimidade ao seu lugar na rede, e mostraria que está aberto ao diálogo com outros sujeitos/blogueiros ou grupos de blogueiros.

Para que de fato ocorram diálogos é necessário estabelecer entre o usuário e o blogueiro uma relação que poderá permanecer, ainda mais se ambos se comportarem como construtores de conhecimento,

---

com a produção da “inteligência coletiva” proposta por Lévy, que se dá pela interatividade de dois ou mais usuários.

A angústia que percebemos hoje na blogosfera é num espaço de coletividade encontrar esta individualidade, blogueiros, que constroem seus blogs pessoais, mesmo que com o intuito de utilização profissional, como o caso dos educadores, porém que se isolam por não se apropriarem da técnica, ou mesmo não terem contatos com outras pessoas que utilizam a ferramenta para a construção de laços sociais. Provocando assim um entropismo, uma geração de informação não compartilhada pelo fato de não ter possibilitado um espaço de discussão com outros interessados, por não serem detectados com hiperlink, hipertextos, hiper mídias, ou seja, meios associativos de informação gerados a fim de haver um relacionamento com outros meios, possíveis, facilitados e exclusivos da internet.

Gerar canais, blogs, meios sem espectadores, usuários ou blogueiros, trará desinteresse do sujeito criador, isolado de um meio onde se enxerga uma propulsão de informação. Este sujeito poderá então abandonar a ferramenta, sendo comentadas por alguns, às vezes poucos, ou nenhum, afinal perde-se a divulgação do espaço, a “vitrine” do blogueiro. Alimentamos um blog com o objetivo de termos registrado passagens de uma vida, como um diário pessoal, pois neste sentido perdesse o sentido de “vitrine”, de exposição de um trabalho, seja de um artista, de um autor, ou no caso do nosso estudo de um educador. Neste sentido, perde-se o espaço de expressão de si mesmo facilitado pela blogosfera, emergindo a visibilidade e assim a reputação do sujeito. A construção do blog tem por sentido a representação por aquilo que se quer ser, ou simplesmente se é, e às vezes não conseguimos ser fora da internet ou representar.

## **PARTE DA CONCLUSÃO**

O objetivo do artigo era vislumbrar a pro-

blemática que ocorre no ciberespaço, onde existe uma *hiper reprodução* de blogs. Refletimos a partir do ponto de vista do sujeito, sua autonomia, egocentricidade e partimos para a discussão do seu poder de fala a partir da democracia e das construções de uma inteligência coletiva, e apresentamos ao final, o que temos até o momento observado num determinado grupo de sujeitos/blogueiros apropriados da ferramenta ou não, para então dar continuidade à pesquisa. Chegamos neste ponto com inúmeras certezas e incertezas. Pensamos que pode haver uma maneira de regular, mas não sabemos como. Acreditamos que diversos autores já discutem sobre este assunto e que não caberia neste trabalho desenvolver suas perspectivas.

Lançamos diferentes inquietações durante o texto, até mesmo expressamos determinadas curiosidades de pesquisa, do que levaria estas pessoas a criarem seus blogs? Por exemplo, podendo desmembrar e levar a diferentes estudos. A reflexão sobre os sujeitos e seus diálogos nestes blogs é parte da discussão da dissertação proposta, e este estudo inicial nos possibilitou entender melhor e aprofundar parte da pesquisa, apontando, portanto, para uma problemática, o que já a justifica. Pensando no caso do nosso objeto de estudo poderia ser proposto um diálogo entre o Portal do Professor com estes blogueiros que estão no “limbo”, para que haja uma atualização. Assim não teríamos o caso de uma má indicação a algum educador interessado em saber a opinião de colegas, ou até mesmo para pesquisar sobre o assunto. Nossa preocupação foi mostrar a poluição do espaço virtual a partir do objeto de estudo trabalhado, ampliando o excesso de falas e informação, que se tornou imperceptível, e o que não dá poder a ninguém, tentamos, portanto, discutir uma parte do todo.

## **NOTAS**

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comu-

---

nicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: candice.habeyche@acad.pucrs.br

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT Cibercultura, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

<sup>2</sup> O termo correto é weblogs formado por duas palavras inglesas web (rede) e log (registro). No discurso apresentado neste artigo utilizamos blogs, como é popularmente conhecido entre os internautas, simplificando a palavra original, isso porque estamos utilizando o paradigma da complexidade e por isto propomos uma dialogicidade, e optamos por um discurso mais coloquial.

<sup>3</sup> O prefixo hiper é aumentativo, sugerindo o grande número de reproduções de blogs. Este é um prefixo semelhante a prefixos mega, super, entre outros, porém optamos por este por abarcar diferentes tipos, e grandes possibilidades. Utilizaremos em itálico, pois ele não faz referência a nenhum autor específico, porém será um termo em destaque no texto.

<sup>4</sup> <http://www.blogger.com/> e <http://wordpress.com/>

<sup>5</sup> <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

<sup>6</sup> Este conceito foi dado visto que é um lugar e um não lugar (Augé, 1994) ao mesmo tempo, ou seja, um lugar indefinido, onde estes blogs ficam a espera de uma chance de serem vistos. Limbo para Igreja Católica seria o lugar onde almas inocentes são privadas da presença de Deus por não terem sido iniciadas na religião católica na vida terrena.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1994.

MAFFESOLI, Michel. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In: MENEZES, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: ED-IPUCRS, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). In: MENEZES, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (Org.). **A genealogia do virtual: comunicação, cultural e tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

\_\_\_\_\_. **O método 1 – A natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

\_\_\_\_\_. **O método 2 – A vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. **O método 5 - A humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

\_\_\_\_\_. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <candiceh@gmail.com> em 07 abr 2009b.

PRIMO, Alex. Avaliação qualitativa de interações em redes sociais: Relacionamentos no blog Martelada. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, pp. 137-158, 2007.

\_\_\_\_\_. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: **XXXI Intercom**, Natal, 2008

\_\_\_\_\_; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipédia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, p. 54-65, 2003.